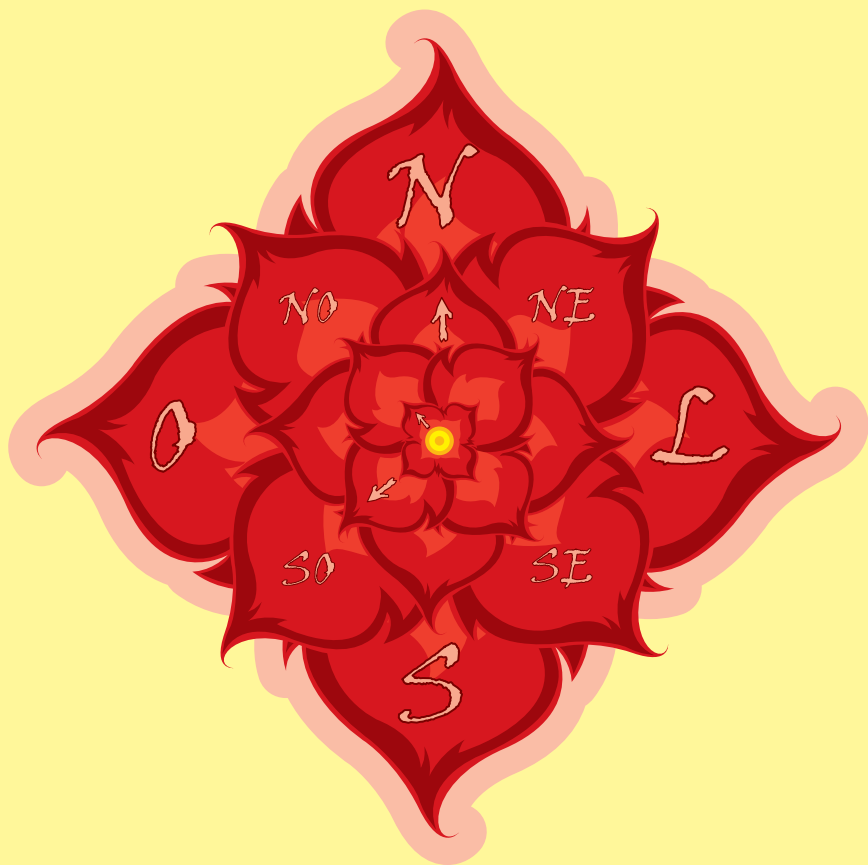


Os Guarínís e a Rosa dos Ventos



J. C. M. Oliveira Jr

J.C.M.Oliveira Jr

O s G u a r i n í s
e a
R o s a d o s V e n t o s

1ª Edição

Copyright © 2010 J.C.M. Oliveira Jr - Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia ou gravação sem a permissão do editor.

Revisão

Joaquim Luís de Almeida
Paula Carolina Gorne Viani

Capa

Paulo Garcia Pérez

Impressão

Idealiza Gráfica e Editora

910837 Oliveira Jr, J.C.M

Os Guarínis e a Rosa dos Ventos/
J.C.M. Oliveira Jr - Londrina, 2010

ISBN 978-85-910837-0-1

1.Literatura Infanto-Juvenil Brasileira.
2.Crônicas.
3.Miscelânea

www.osguarinis.com.br
contato@osguarinis.com.br

A g r a d e c i m e n t o s

Agradeço a todos que ajudaram na concretização desse sonho, em especial aos Professores Joaquim Luís de Almeida e José Milanez pelos seus comentários sobre o livro que me fizeram acreditar mais nessa obra. Agradeço também ao meu querido avô João Monteiro por compartilhar comigo suas experiências de vida e minha avó Sebastiana Lemos pelo seu exemplo de paciência e carinho.

Gostaria de agradecer meu querido Tio Francis Cardoso Lemos que sempre me deu o exemplo de vida e honestidade que junto com minha Tia Fausta foram para mim Avós.

Quero agradecer a minha Mãe que sempre foi um exemplo de mulher, mãe e esposa que me ensinou uma maneira gostosa e divertida de ler o Dicionário da Língua Portuguesa e ao meu Pai que sempre me apoiou em todas as minhas idéias malucas.

Ao meu irmão Thiago Oliveira que me ensinou que independentemente do que aconteça você deve lutar pelo seu sonho.

Agradeço em especial a minha irmã Morgana Batistella pelo seu essencial e imprescindível apoio, incentivo e ajuda para tornar mais um sonho meu em realidade acreditando no livro. Sem você isso não seria possível.

Por fim quero agradecer minha adorável esposa por todo seu carinho, boa vontade, e por ter lido, relido e me ajudado a revisar esse livro, acreditando nele, nunca deixando o desânimo me atingir e sempre seguir em frente na realização dessa obra. Pela sua paciência e compreensão vou amar você para sempre.

SUMÁRIO

Capítulo um

O PRÊMIO - 1

Capítulo dois

A VIAGEM - 36

Capítulo três

A FAZENDA - 60

Capítulo quatro

TOCA DO MANSO - 91

Capítulo cinco

A CAPTURA - 113

Capítulo seis

A ROSA DOS VENTOS - 141

Capítulo sete

OS VEREDÊS - 168

Capítulo oito

A VILA DE UVIRUNDUM - 194

Capítulo nove

CURURU, O SAPO - 219

Capítulo dez

A VOLTA PRA CASA - 256

CAPÍTULO UM

O Prêmio

Era a penúltima semana de aula no pequeno Maria Quitéria, colégio de muros alambrados e arame farpado no alto. O pátio era de cimento cru, pintado de verde-musgo, onde Dona Leila passava – dia sim, dia não – seu esfregão manual e seu pano velho para encerar. Às vezes seu grande cabelo amarelo e liso caía-lhe sobre a face ao se abaixar para apertar o rodo. As salas de aula ficavam dentro de um grande pavilhão com um corredor largo e comprido. Suas paredes tinham a cor do chão no primeiro metro e meio, depois o bege predominava até o teto, feito de ripas de madeiras uma ao lado da outra. A cada sete metros existia uma porta, ao todo eram cinco portas do lado direito e cinco portas do lado esquerdo. No final do corredor, havia uma grande porta de vidro, sem a maçaneta. Antes dela, na última sala do lado direito, estava escrito, recortado em cartolina bege, 8ª B.

A sala do último ano do primeiro grau tinha ao todo dezoito alunos, todos em idade de 14 e 15 anos, já doidos para saírem de férias e assim esquecer um pouco as aulas de Matemática, Ciências, Geografia e tantas outras matérias e suas professoras. Algumas como a Professora Rosa, de Ciências, que sempre contava histórias e fazia perguntas malucas como o que um croco disse para o outro ou o que era um animal invertebrado. A turma da oitava achava aquilo um absurdo. Tinha ainda a temível Tereza Maria, professora de Matemática, que já colocava medo em todas as suas classes somente pelo físico: alta para uma mulher, olhos negros, cabelos

acinzentados um pouco engrouvinhados. Sempre usava uma calça de cotton preta que vestia suas pernas de funil, com uma blusa roxa, mas que era curta demais, pois sua barriga sempre aparecia. Sua bunda era tão grande quanto sua barriga. O nariz era gordo e comprido; a boca, larga e os dentes, amarelados, por isso ela ganhou um apelido carinhoso em todo colégio, mas que era pronunciado somente nas rodinhas de alunos, “Maria Dragão”.

Os piores alunos se encontravam na 8ªB. Ulisses, garoto arrogante, brigão, que sempre atazanava os menores, tinha um cabelo avermelhado, mãos grandes, alto e um pouco gordinho. Tinha como sua companheira Cristiane, quase igual a ele fisicamente e em temperamento, mas com outra função, atazanar as meninas menores. Os dois sentavam-se na última fileira, junto com outros alunos quase tão bagunceiros quanto eles, formando assim a turma do fundão. A sala tinha também alguns dos melhores alunos do colégio, como Dimas, menino sempre cheiroso, bonito e muito inteligente; Juliana, estudiosa e que sempre ajudava os demais.

No canto direito da sala, estava um pequeno menino que ainda não começara a se desenvolver fisicamente. Ele tinha cabelos pretos encaracolados, pele queimada de sol, olhos verde-escuros, sobrancelhas negras e um sorriso contagiante, mas tinha poucos amigos e que pela sua baixa estatura era apelidado por Ulisses de Pixote, mas somente os amigos de Ulisses o chamavam assim, todos os demais o conheciam por JJ.

JJ era um aluno que lutava para passar de ano em quase todas as matérias, gostava especialmente da disciplina de História, e gostava mais ainda quando a professora Fátima contava à classe as histórias, lendas e contos, mas isso acontecia muito pouco, pois a matéria tinha muito conteúdo, era muita História para se aprender naquele ano.

Naquele momento, na 8ªB, a aula de Matemática estava acabando, mas a prova aplicada pela professora Tereza Maria

estava mais difícil que nunca. JJ, que não gostava muito dessa matéria, tentava realizar cálculos, pois com uma professora dessas, era meio impossível pensar em colar, por isso ele quebrava a cabeça para calcular a última questão.

Questão 50 - Considere um triângulo isósceles com lados de 6cm, 7cm. A medida da altura perpendicular ao lado de 6cm é:

- a) 8cm
- b) $\sqrt{57}$ cm
- c) 7,4cm
- d) $3\sqrt{6}$ cm
- e) $2\sqrt{10}$ cm

A professora Tereza Maria exigia que a conta estivesse no papel da prova, com todos os rascunhos. JJ, depois de rabiscar muito, olhou para o relógio de parede acima do quadro negro e viu que faltavam apenas dois minutos para o sinal. Pensou mais um pouco, fez mais algumas contas, esforçando-se para descobrir o resultado, pois não podia errar mais. Então, disse bem baixinho para si mesmo:

— JJ, você está ferrado!!

Lutando para conseguir resolver o problema matemático, ele chegou a um resultado que não existia na prova, quando, ÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓ, o sinal soou alto e estridente, podendo ser ouvido a seis quadras de distância do colégio. Ele, mais que apressadamente, assinalou a alternativa E com um X bem grande com sua caneta esferográfica azul, passou para frente sua prova e, em silêncio, olhou para os lados. Alguns alunos pareciam aliviados; outros, preocupados. Ulisses e sua turma estavam de cara fechada, mas Cristiane estava sorrindo levemente. Dimas olhava para professora, esperando que ela visse sua prova por cima e comentasse algo, mas ela virou-se para a sala e disse:

— As notas estarão no edital na sexta-feira e quem ficar para recuperação a prova será na próxima quarta-feira, sendo

que a matéria será tudo o que estudamos neste ano!! E já avisando, quem não passar nem na recuperação vai ficar para o Conselho de Classe!

Ninguém queria ficar para recuperação, nem mesmo Ulisses, que já estava se gabando com os comentários de que iria viajar nas férias sem os pais. A professora Tereza Maria pegou todas as provas e colocou dentro de um único saco plástico, saiu da sala e todos começaram a comentar sobre a avaliação, fazendo que o volume geral da sala subisse consideravelmente.

— Dimas? - perguntou Juliana. - O que você achou da prova?

— Não estava muito difícil não, mas acho que ela pegou um pouco pesado, como sempre. - disse ele, rindo.

Mais que depressa, JJ levantou de sua carteira e foi até a carteira de Juliana e viu que ela estava começando a apagar algumas anotações a lápis feitas sobre sua carteira e perguntou:

— O que você está apagando de sua mesa, Juliana, cola?

— Não, JJ, eu gosto de anotar a lápis na carteira as alternativas que acho que sejam corretas na hora que faço a leitura da prova, para depois comparar.

— Deixa eu te perguntar uma coisa, qual era o resultado da altura do isóscele? - indagou JJ.

— Se for o isóscele de 6cm, a altura era $2\sqrt{10}$ cm. - afirmou Juliana.

— Mas qual era a opção? A, B, C, D ou E? - perguntou JJ, ansiosamente.

— Ah JJ, não me lembro, eu comecei a prova ao contrário, gosto de fazer as coisas de trás pra frente!

Colocando a mão na cabeça em sinal de indignação, JJ virou-se para Dimas e perguntou.

— A resposta da questão cinquenta era qual letra, você lembra?

Dimas tranquilamente respondeu

— Letra E, JJ, você acertou?

E antes mesmo de Dimas terminar de falar, JJ levantou o braço direito para o alto, cerrou sua mão e puxando rapidamente para o corpo gritou:

— YEEEESSSSSSSSSS.

Ulisses, vendo sua alegria, perguntou alto.

— Acertou alguma coisa, JJ, sua conta deu o resultado da alternativa correta?

JJ sabia que o resultado da conta não tinha sido igual à resposta e se a professora Tereza Maria notasse, o que era bem provável, ele não acertaria a questão e pelo pequeno silêncio que houve e o olhar de JJ, Ulisses falou com um tom de prazer:

— Pelo jeito, o resultado da conta não foi igual à resposta. – e começou a rir. Nesse momento, uma mulher alta, cabelos bem curtos e louros, olhos azuis, vestindo uma blusa azul-clara e uma calça branca entrou na sala. Era a professora Fátima, de História. Todos correram aos seus lugares e logo ela disse:

— Bom dia, turma!

Responderam:

— Bom dia, professora!

JJ então se deu conta, hoje era o dia da prova de História, assim como todos da sala também se lembraram do mesmo.

— Bem, meus queridos, hoje aplicarei a prova final, valendo 100. Espero que todos passem, mas queria dizer para vocês que a prova de hoje terá um prêmio especial, e para isso quero chamar a Professora Suzana. Professora, por favor, entre!

Professora Suzana era uma mulher japonesa, com estatura mediana, mas alta para o padrão japonês. Gostava de andar

de preto e constantemente vestia um casaco lilás. Dentro de sua pasta ela guardava mapas de todos os lugares caso precisasse.

— Olá, turma! – disse a professora.

Alguns responderam:

— Oi, professora.

— Professora Suzana, poderia explicar para a classe como funcionará a prova, por favor. – disse a professora Fátima.

— Será um prazer!!! Ontem, no final do dia, recebemos uma notícia muito boa: eu, a professora Fátima e a diretora Elvina decidimos fazer algumas mudanças na avaliação, mas como a diretora está ocupada no momento eu e a professora Fátima vamos explicar a vocês. Como todos sabem, os recursos de nosso colégio vêm do governo e como eles são poucos, nós professores não podemos realizar aulas alternativas, extraclasse, mas um bom empresário de nossa cidade presenteou o colégio com uma viagem para conhecer o centro do Brasil, quer dizer, parte dele. A viagem será para a Fazenda Ibiacá, no Brasil central, ficando lá 20 dias para conhecer a região, mas como só existe uma passagem, estipulamos alguns requisitos para concorrer à viagem. Vou ler para vocês, mas já está afixado no edital lá do pátio.

Requisitos para a Viagem à Fazenda Ibiacá!

1. O Aluno deverá estar cursando a 8ª série do Primeiro Grau;
2. O Aluno não poderá estar em recuperação;
3. O Aluno deverá estar bem de saúde;
4. O Aluno deverá trazer a autorização de viagem assinada pelos Pais ou responsável até quarta-feira, 27/11;
5. Os Pais ou responsável deverão vir pessoalmente ao colégio até sexta-feira desta semana para conhecer a viagem e todos os seus detalhes;

6. Para ganhar o prêmio, o aluno deverá tirar a nota mais alta entre as duas turmas da oitava série na prova de História e Geografia.

ATENÇÃO: CASO O ALUNO NÃO POSSA VIAJAR, DEVERÀ INFORMAR À DIRETORIA ATÉ O MEIO-DIA DE QUARTA-FEIRA 27/11, E O PRÊMIO SERÁ DADO AO SEGUNDO COLOCADO.

Conforme a professora Suzana ia lendo os requisitos, alguém da sala suspirava triste. Juliana ficou animada, pois tinha todos os requisitos, e quando a professora Suzana terminou, uma voz firme entrou invadindo a sala:

— A data da viagem é domingo, primeiro de dezembro!

A voz era da Diretora Elvina, que foi adentrando a sala assim como sua voz. A Diretora era baixinha, um pouco gordinha, tinha um cabelo tingido na cor de mel, seus olhos eram negros, usava óculos de grau quadrados com armação fina e flexível. Seu rosto era um pouco arredondado e sua bochecha, com muita pele, parecendo um fila brasileiro.

— Como as professoras já informaram, esses são os requisitos básicos para poder concorrer à viagem e a prova de Geografia será dada hoje, junto com a prova de História.

Todos indagaram indignados e ao mesmo tempo a Diretora.

— O quêêêê?

— Isso mesmo que vocês ouviram. – disse a diretora.

Juliana, um pouco constrangida, perguntou:

— Mas, professora Suzana, eu não estudei o suficiente....

A professora a interrompeu:

— Calma, querida, todos vocês podem ficar calmos, apenas algumas questões da prova de hoje são de Geografia. Se alguém, mesmo depois da prova, quiser fazer a prova exclusiva de Geografia, eu darei com o maior prazer, mas lembro que a

pontuação para concorrer à viagem é sobre a prova de hoje, porém as questões de Geografia desta prova serão anuladas, contando depois apenas as notas da prova exclusiva.

— Alguém tem mais alguma dúvida? – perguntou a diretora Elvina.

A sala estava muda com a informação, mas todos aceitaram por livre e espontânea pressão as regras da competição para ganhar a viagem.

— Ótimo!! Professoras, podem começar a prova, estarei em minha sala se precisarem. E a vocês todos, boa sorte! – Com um andar rápido, a diretora saiu da sala e foi para o corredor. Agora, somente o barulho de seu salto era ouvido, todo o colégio estava em silêncio, e a impressão era de que não havia mais ninguém no colégio inteiro. JJ, que adorava História, estava animado, pois sabia que poderia ganhar o prêmio, mas também sabia que seus conhecimentos em Geografia não eram tão bons assim, ele queimaria sua pestana pelo prêmio, porque talvez nunca mais fosse ter outra oportunidade como aquela.

— Antes de entregar a prova, - exclamou a professora Fátima - quero dizer a vocês que essa prova é diferente, ela precisa ser diferente, testará seus conhecimentos gerais sobre História e Geografia. Talvez alguns se lembrem do que aprenderam durante o último ano, outros não, por isso teremos as duas próximas aulas somente para essa avaliação, e para evitarmos problemas com artimanhas para colar vamos misturar a sala.

Nesse momento, a professora Suzana abriu o saco plástico que continha as provas e um cheiro diferente preencheu toda a sala. Juliana e Cristiane disseram juntas:

— Álcool???

— Sim! – respondeu professora Fátima. – Como tivemos que alterar a prova na última hora, ela foi mimeografada e ainda estão “frescas”. Tomem cuidado para não borrar. Serão con-

sideradas apenas as respostas marcadas a caneta. Deixem apenas caneta, lápis e borracha sobre a mesa e todo o resto deverá ser guardado embaixo das carteiras. Antes de começar, alguém por algum motivo não quer ou não pode concorrer à viagem?

— Eu, professora, - disse Dimas levantando a mão. - Não posso, pois irei visitar minha avó no Sul esse final de ano, ela não está bem de saúde e já não aguenta mais o trabalho no sítio, por isso meu pai quer que todos nós passemos as férias com ela.

— Sinto pela sua avó, Dimas e espero que ela melhore rápido, sendo assim estarei retirando seu nome da lista de concorrentes. - disse a professora Fátima - Mais alguém?... Não?... Vamos começar.

Então a professora Fátima começou a mover os alunos de lugar. Ela pegou Dimas e o colocou no canto esquerdo ao lado da parede, tirou Cristiane e colocou no lugar de JJ, que foi passado para segunda carteira da sua fileira, próximo de Juliana. Depois que quase todos estavam acomodados, JJ olhou e viu que Ulisses sentara bem ao seu lado, atrás de Juliana, e disse pra si mesmo:

— É, isso não vai dar certo.

Após todos se acomodarem, a professora Fátima sentou-se à sua mesa, pegou um papel e começou a escrever; levantou a cabeça, olhou para a sala e escreveu; levantou a cabeça e escreveu novamente e foi repetindo o gesto, mas JJ não entendia o porquê disso, já que a professora Suzana ainda estava começando a distribuir as provas. Caiu então sobre sua mesa um chumaço de folhas: a prova, com 10 páginas, ainda tinha o cheiro forte de álcool do mimeógrafo do colégio. Estava escrita a mão, com uma letra bonita, na cor roxa, mas notava-se que havia sido escrita com muita pressa.

Com todo cuidado, JJ começou a ler a prova antes de responder às questões. Enquanto isso, Juliana já estava respondendo e, como sempre, anotava a lápis no canto da carteira as alternativas que achava, na primeira leitura, serem a resposta correta. Ulisses, como era grande, viu as anotações na carteira de Juliana e mais do que rápido começou a copiar as respostas para sua prova e às vezes colocava a mão na cabeça fingindo estar pensando para disfarçar.

O silêncio era total na sala, somente quebrado quando alguém usava o lápis em uma das folhas que já tinha se secado por completo. Todos pareciam mais preocupados dessa vez do que na prova de Matemática, que tinha sido muito difícil e incômoda por causa da presença da temível professora, mas JJ parecia mais tranquilo. Ele gostava de História, somente a mistura das matérias em uma mesma prova o atrapalhava um pouco e quando chegou ao meio da avaliação viu uma pergunta diferente:

24. Qual é o nome do lobo que vive na savana brasileira?

a) cinza

b) preto

c) guará

d) do mato

— Nossa, isso é pergunta de Geografia? Está mais para Ciências. – pensou JJ, então ele levantou a mão. A professora Suzana interrogou:

— Sim, JJ?

— Professora, no Brasil tem Savana? – perguntou JJ

— Claro que não, savana é na África! – disse Ulisses em tom de sarro.

— Quietos, Ulisses. – disse rispidamente à professora Suzana e suavizando sua voz continuou – Existe sim, JJ. A savana brasileira é mais conhecida como cerrado.

— Obrigado, professora – disse JJ agradecido.

Faltando menos de uma hora para acabar o tempo da prova, a cabeça de JJ estava fervendo, ele respondia com muito cuidado, revisando todas as possibilidades para que não erasse nada ou tivesse menos erros possíveis. Dimas já havia terminado 50 minutos antes do final da aula e foi liberado para esperar no pátio. Assim que Dimas saiu, outros começaram a entregar a prova para a professora Suzana, inclusive Ulisses. Enquanto isso, a professora Fátima, quieta em sua mesa, estava de olho nos alunos.

Alguns minutos depois, Juliana entregou sua prova, pegou seu material e saiu da sala sorrindo e cantarolando. Era sinal de que ela teria se saído muito bem na prova, então JJ pensou:

— Agora que eu não viajo mais, a Juliana foi bem, o Ulisses copiou as respostas dela, no máximo ficarei em terceiro.

Um sentimento de desânimo entrou no coração de JJ, seus olhos se encheram de lágrimas, mas ele não iria desistir, passou as mãos nos olhos enxugando-os antes que caíssem, olhou para a prova e continuou. Faltando três minutos para o sinal, JJ não se importava mais se as perguntas eram de Geografia ou História, pois faltavam ainda as duas últimas questões.

49. Qual o nome do bandeirante conhecido como Anhangüera?

- a) Bartolomeu Bueno da Silva*
- b) Manuel de Borba Gato*
- c) Antônio Raposo Tavares*
- d) Fernão Dias Paes*

JJ não se lembrava quem era e arriscou assinalando a letra A. Em seguida, a última pergunta de que ele não se lembrava:

50. *O que a Rosa dos Ventos mostra?*

a) *Indicação dos pontos cardeais.*

b) *A posição do sol.*

c) *A indicação das estrelas.*

d) *A distância entre Brasília e a Cidade dos Ventos.*

ÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓ, o sinal soou e mais uma vez rapidamente JJ assinalou a letra A, pensando que pelo menos assim teria alguma chance de acertar. A professora Suzana recolheu sua prova e JJ saiu. Agora todos os alunos estavam saindo das salas, haviam terminado as aulas daquele dia. O corredor largo agora tinha ficado estreito de tanta gente, as meninas da 7ªA e B estavam falando muito alto, chegando a ser ensurdecedor. Assim que saiu no pátio, JJ foi direto ao bebedouro, tomou alguns goles de água, pois sua garganta estava seca de nervosismo. Olhou para os lados e saiu sem olhar o edital onde estavam os requisitos e mais algumas informações sobre a viagem. Demonstrando que não estava interessado, parou em frente à secretaria. Muitos alunos já tinham saído pelo portão, o pátio estava quase vazio, restando somente alguns alunos da 5ª série do outro lado conversando. JJ voltou até o edital e começou a ler os requisitos para a viagem.

— Esqueça, Pixote!! - JJ conhecia aquela voz, era Ulisses.

— Eu é que vou viajar, acabo de ouvir lá fora o pai de Juliana dizer que eles visitarão a irmã dela que está grávida na próxima semana e como todo mundo sabe, a irmãzinha dela é tudo para ela, então quem vai ficar com a passagem sou EU!! – e soltando uma gargalhada Ulisses saiu em direção ao portão.

Ulisses sabia que JJ o tinha visto colando da Juliana, então cabisbaixo, JJ foi em direção ao portão de baixo para sair do colégio e ir para casa. No caminho, ele foi conversando sozinho.

— Devia ter dedado aquele cabeça de palito!... Mas se contasse todos no colégio iriam me chamar de dedo-duro... AAAAAAAAAAHHHH que coisa!!! Agora a viagem já era.

No trajeto de casa, JJ descia uma pequena rua que passava ao lado do Vale da Esmeralda e vendo uma lata no chão chutou-a com toda força, ela subiu e caiu dentro do vale. Quando JJ levantou a cabeça viu uma senhora subindo a rua que o olhou. JJ abaixou sua cabeça rapidamente e ficou olhando para o chão, então a senhora cruzou com ele e disse:

— Cuidado, guri, o vale também pode ficar com raiva! Por isso tenha calma.

Ele não entendeu o que ela queria dizer com aquilo, mas não deixou de reparar que a senhora calçava uma botinha preta mais parecida com uma sapatilha gasta pelo tempo e uma meia de cor branca, bem suja de terra, que subia pelas canelas e entrava em seu vestido azul que parecia um dia ter sido muito belo. Ele nunca tinha visto tal senhora pela região, mas continuou seu caminho de casa. Virou à esquerda, subiu duas ruas e dobrou à direita chegando à rua mais curta do bairro, a Rua Simplício Simples nº32, onde morava. Ao chegar à frente de sua casa já era possível ouvir a discussão de seus pais, que sempre conversavam em tom elevado.

A casa de JJ tinha uma janela na frente, com grades enormes, pela qual dava para ver toda a sala de jantar. A janela era tão grande quanto a parede. Havia um imenso pinheiro plantado no pequeno jardim da frente, o mesmo jardim onde ele tinha enterrado Jack, seu peixe cascudo que morrera no começo do ano.

JJ abriu o portão da frente, que era da sua altura, e foi entrando. Antes de chegar à área, ele abriu o segundo portão, de ferro pesado sanfonado que abria para os lados. Ele passou e foi até a porta da cozinha, o almoço estava pronto e já posto à mesa, seus pais tinham ido para o quarto terminar a conversa. Pulando de alegria chega Urso, um cachorro branco por inteiro

e grande demais para ficar dentro de casa, um “bichinho” de estimação muito querido por JJ, que imediatamente se agachou e abraçou seu fiel amigo. Sua mãe entrou na cozinha e disse:

— Querido, vai lavar as mãos e venha almoçar.

JJ entrou no corredor e foi para o banheiro, seu pai passou apressado pelo corredor em direção à cozinha. Quando se sentou à mesa viu que seu irmão não estava.

— Mãe, cadê o Carlinhos?

— Ele teve que viajar a trabalho, só volta daqui uma semana. Ele lhe deixou um beijo. – Disse a mãe de JJ.

— Pra onde?

— Para Porto Alegre, depois ele vai para Brasília.

— JJ... – diz seu pai. – Como foi sua aula hoje? Estão acabando as aulas não estão?

— Estão sim pai, hoje só teve prova.

— PROVA??? – Interroga a mãe de JJ, surpresa com a informação. – COMO PROVA, VOCÊ NÃO ME DISSE NADA. VOCÊ FOI MAL, NÉ? POR ISSO ESSA CARA!! – já com uma voz mais enérgica.

— Não, mãe... na prova de Matemática eu fui até bem, não estou preocupado com essa mas sim com a prova de História.

— MATEMÁTICA??? – diz sua mãe com uma voz indignada, não acreditando.

— Calma, Regina! – diz seu pai calmamente – Diga, meu filho, por que você está preocupado com a prova de História, essa não é uma matéria que você gosta tanto?

— Ah Pai, é que eu acho que não fui tão bem quanto queria.

— Você acha que vai ficar para recuperação? – exclamou sua mãe já mais calma.

— Não, mãe, passar até vou, é que nessa prova tinha um prêmio que eu queria muito, mas pelo jeito não ganhei. – disse JJ com uma voz triste.

— Mas, por que você acha que não ganhou? Pelo visto nem saiu o resultado ainda. – disse sua mãe.

— Ah Mãe... - suspirou ele agora mais triste ainda – é difícil de explicar, mas resumindo é assim: as professoras de Geografia e História uniram as provas, aplicando a todos os alunos das duas oitavas do colégio. Quem tirasse a maior nota nessa prova ganharia o prêmio, antes de começar a prova a professora misturou os alunos para que ninguém colasse, mas um garoto chato do colégio sentou atrás da Juliana e colou dela tudo, ela era a única que eu sabia que iria muito bem.

— A Juliana, sua amiga CDF? – perguntou seu pai.

— AMOR! - exclamou Regina.

— Inteligente, sua amiga é inteligente? – corrigiu-se seu pai rapidamente.

— É, pai!

— Não seja peru de Natal, meu filho!

— Não seja o que, pai? – indagou JJ confuso.

— Peru de Natal! – afirmou. - Peru de Natal é que morre na véspera. O resultado nem saiu e você fica aí com cara de enterro, mas fazemos assim, diga que prêmio é esse, eu darei pra você, pois você merece. – disse seu pai, estufando o peito.

— Era uma viagem de 20 dias para a famosa Fazenda Ibiacá, com tudo pago.

Seu pai engoliu seco depois de ouvir o prêmio, pois sabia que na atual situação não seria possível arranjar todo o dinheiro para mandar o filho para lá, então sua mãe lhe disse:

— Filho, você sabe que não somos pobres, mas também não somos ricos. Essa viagem deve custar um pouco a mais do que podemos pagar, mas nós pensaremos em outra coisa.

Então começaram a almoçar, o silêncio depois dessa conversa dominou a cozinha onde só se ouvia o bater dos talheres nos pratos. Naquele dia, Sra. Regina havia preparado lasanha à bolonhesa, um dos pratos prediletos de JJ. Ao terminar de almoçar, JJ levantou-se, agradeceu sua mãe pelo almoço, foi para seu quarto de cabeça baixa e deitou-se em sua cama. Urso, seu amigo fiel, veio atrás e deitou-se ao seu lado no chão.

— Ai Urso, tô triste! Queria tanto ir nessa viagem!... Mas vou também fazer o que o pai disse, EU NÃO SEREI PERU DE NATAL!! – e virando-se para o outro lado fechou seus olhos e dormiu.

Já era noite, sua mãe o acordou e disse:

— Venha comer alguma coisa e depois vá tomar banho.

JJ levantou-se, foi até a cozinha que estava cheirando a bolo de cenoura, abriu a geladeira, pegou o leite, colocou em um copo de boca larga, tão grande que poderia caber meio litro de leite, encheu até a metade. Sentou-se e descobriu o bolo com cobertura de chocolate. Ele sabia que sua mãe tinha feito aquele bolo para animá-lo, então comeu bolo e tomou seu leite. Quando terminou, caminhou para seu quarto, fechou a porta, deitou-se e dormiu novamente.

— Levanta, JJ, vai tomar banho!

JJ abriu seus olhos e viu sua mãe abrindo as janelas e tirando seu edredom para que levantasse, então percebeu que já era manhã. Com muito custo, JJ se levantou e foi tomar seu banho para ver se acordava mais rápido. Seu pai passou por ele, disse bom dia e foi correndo para a cozinha tomar o café.

Depois de alguns minutos, JJ apareceu na cozinha pronto, com a camiseta branca e a calça azul do uniforme:

— Bom dia, Pai! Bom dia, Mãe!

— Bom dia! – responderam os dois.

— Está melhor hoje, filhão?

— Estou pai, como o senhor me disse, não serei peru de Natal.

— Isso aí. Bom, terei que passar no posto para colocar gasolina no carro, se quiser vir comigo eu deixo você no colégio.

— Obrigado, pai, vou sim.

— Bem que podia usar gás natural em vez de gasolina no seu carro, amor! Seria melhor para todos!

— Certo, Regina. Certo – respondendo ele com um pouco de insatisfação. – Vamos, JJ, o carro já está lá fora.

JJ correu até o seu quarto, pegou sua bolsa que estava quase vazia por não ter que carregar os livros e entrou no carro.

— Pai, porque a mamãe quase todo dia de manhã diz a mesma coisa sobre o senhor passar o carro de gasolina para gás natural?

— É por causa da poluição, meu filho. O gás natural polui menos que a gasolina, só que aqui em Pequena Londres não tem posto para gás natural. Desde que seu bisavô faleceu sua mãe fica atenta para poluição... Prontinho filho, aí está o colégio. Beijos e boa sorte.

JJ desceu do carro e assim que seu pai foi embora ele suspirou e entrou no colégio. Apesar de tudo o que seu pai lhe falou ele ainda estava cabisbaixo por dentro, ignorou mais uma vez o edital e foi direto para a sala de aula. Quando se sentou na sua carteira, o sinal tocou e os alunos foram entrando na sala. Todos estavam ansiosos para ver o resultado da prova de História e Geografia, mas quem entrou foi a professora Noedi, ela ensinava Português e já foi dizendo.

— Bom dia, pessoal. Eu sei que vocês estão esperando uma notícia, mas ela ainda não chegou, portanto nós vamos continuar com a aula. Peguem seus cadernos e lápis, quero uma redação sobre como foi seu ano no colégio, pois como sa-

bem ano que vem vocês começarão um novo tempo, irão para o 1º colegial. A redação tem que conter no mínimo 50 linhas do caderno e não adianta escreverem com letras garrafais, pois conheço muito bem a letra de vocês.

Muitos tinham ido à aula apenas por causa da notícia de quem iria ganhar a viagem, pois todos estavam ansiosos, principalmente depois da informação – que voou rápido – de que a Juliana não poderia viajar e de que Dimas nem chegara a concorrer. Sendo assim, todos tinham chance de ganhar a viagem, mas somente JJ sabia que Ulisses tinha copiado a prova de Juliana, pelo que ele iria ganhar a viagem.

Durante a redação, ninguém conseguia pensar em nada, por isso a quinquagésima linha parecia que nunca chegaria. Quando faltavam cinco minutos para o intervalo, professora Noedi levantou-se e disse:

— Todos podem sair e deixem suas redações em cima de suas carteiras que irei recolher no final, vejo vocês depois do intervalo.

JJ saiu e a conversa entre todos da turma era sobre a viagem. O sinal tocou e todos os alunos do colégio saíram de suas salas comentando sobre a viagem. Incomodado, JJ foi próximo ao muro do colégio onde ficava um pé de manga e sentou-se ali. Ulisses, que não perdia uma chance para atazaná-lo, chegou perto da mangueira.

— Bebê está triste porque não vai, é? – disse Ulisses passando, rindo e indo para o outro lado do colégio aborrecer o pessoal da 6ª série.

O intervalo nunca tinha demorado tanto para terminar, mas JJ estava ali sentado, esperando pacientemente, quando Dimas saiu da secretaria alegremente gritando para todos:

— TEREMOS CCC, TEREMOS CCC, NA PRÒXIMA AULA TEREMOS CCC E AMANHÃ SERÁ A FINAL.

Todos os alunos ficaram eufóricos com a notícia, então Juliana chegou perto de JJ e perguntou:

— Você não ouviu o Dimas, JJ?

— Não! – respondeu JJ. - O que está acontecendo?

— Teremos o CCC e as eliminatórias começam na próxima aula.

JJ se levantou e foi correndo para sua sala, agora as salas que estavam vazias durante o intervalo começaram a se encher de alunos novamente. Quando JJ entrou na 8ª B, somente Tâmara, sua colega de classe que havia sido transferida há pouco tempo, estava lá dentro e lhe perguntou:

— JJ, o que está acontecendo, por que esse alvoroço de repente? Saiu o ganhador da viagem?

— Não, teremos um CCC e as eliminatórias serão na próxima aula. – respondeu JJ pegando seu estojo feito de jeans azul. Abriu o zíper e foi tirando tudo que estava dentro, até que no fundo existia um pequeno plástico branco, dentro do plástico um miniestojo e abriu um sorriso de satisfação, rapidamente a tristeza sobre o ganhador da viagem ficou para trás. A porta da sala se abriu e vários alunos começaram a entrar, indo direto para suas mochilas e bolsas.

— JJ, me explica o que é CCC, por favor. – pediu Tâmara.

— Você não sabe o que é CCC??? - perguntou ele com cara de espanto.

— Não sei não! – afirmou fortemente Tâmara – Esqueceu que cheguei aqui há apenas três meses? Nunca tinha ouvido falar nisso! Até parece que deveria saber.

— Be...be...bem. – gaguejou JJ. – Deveria, mas sente-se ao meu lado que vou lhe explicar. CC é um jogo proibido em quase todas as escolas e colégios da cidade, uma verdadeira mania que só foi controlada com a proibição total ou quase total, dependendo do colégio.

— Nossa!! E onde vocês jogam?

— Como é proibido jogar aqui dentro do colégio, os meninos jogam nos arredores, incluindo eu!

— Por isso quase todo dia quando acaba a aula tem vários alunos nas mesinhas da mercearia aí da frente?

— Isso mesmo, Tâmara, como não podemos jogar aqui, encontramos um lugar para jogar uns contra os outros, assim sempre vemos quem é o melhor.

— Certo, mas o jogo chama-se CC ou CCC?

— O jogo chama-se CC, Corrida de Canetas, o terceiro C significa Campeonato, por isso CCC – Campeonato de Corridas de Canetas.

— Corrida de caneta? – perguntou espantada.

JJ tirou um caderno de capa azul-escuro, era um caderno de desenho com as folhas lisas e brancas, pegou seu miniestojinho e retirou duas belas canetas esferográficas que pareciam de ferro com desenhos diferentes e algumas letras, uma com tinta preta e outra com tinta azul.

— Nossa, que caneta diferente! – disse curiosamente Tâmara.

— Ganhei de minha mãe, ela me disse que foi do meu bisavô e que antes dele falecer fez questão que ela desse para mim. Bem... Voltando à corrida, em uma mesma corrida podem participar até quatro jogadores, cada um com uma caneta de cor diferente, não importa a cor, desde que nenhum outro jogador tenha a mesma cor. Normalmente são dois corredores por corrida, pois as canetas mais comuns são azul e preta. Sobre uma folha de caderno grande, a pista é desenhada, utilizando um lápis com a ponta grossa e o desenho da pista não pode conter rasuras nem sinal de borracha, como esta aqui! – JJ abriu seu caderno de desenho e mostrou uma pista que parecia uma pista de corrida de carros, tendo quatro curvas e no meio de uma das retas existia desenhada uma linha de chegada quadriculada.

— Aqui é a linha de chegada? – perguntou Tâmara.

— Sim, chegada e saída. – respondeu JJ. – A linha de chegada e o traçado da pista são desenhados por alguém que não irá participar da corrida, sempre respeitando que a pista deverá conter no mínimo quatro curvas, sendo que a pista inteira só poderá conter no máximo quatro zebras.

— Zebras? – indaga Tâmara.

— Isso aqui é uma zebra. – disse apontando para um quadriculado nas curvas da pista. – Já assistiu corrida de carros na televisão?

— Agora entendi, zebras são as saliências nas curvas que os carros passam por cima ao passarem correndo.

— Isso, as zebras são extensões onde os carros podem passar sem perder velocidade, na corrida de caneta, os corredores podem passar também por elas.

— Certo, mas como as canetas correm? – perguntou Tâmara agora mais curiosa do que antes.

— O corredor coloca a ponta de sua caneta na linha de largada, pressiona a parte superior da caneta usando apenas seu dedo indicador e inclina a caneta para direção contrária que deseja, fazendo assim com que a caneta escorregue rápido sobre o papel, traçando uma linha. Esse movimento é chamado de piparote. No final da linha, o corredor faz um pontinho marcando onde parou o piparote, assim será a vez do próximo corredor. Na próxima rodada dele, começará do ponto onde parou seu último piparote, lembrando que se houver falhas no risco o ponto será marcado onde começou a falha. Se o risco do piparote passar da linha que demarca o traçado da pista, ele marca o ponto em cima do traçado, pois não pode sair fora dele, veja.

JJ pegou sua caneta e lhe mostrou.

— E se o corredor passar nas zebras, continua sem problema igual na corrida de carros?

— Isso mesmo, Tâmara.

— Mas, por que uma brincadeira como essa foi proibida?

— Há quatro anos o pessoal criou as regras para padronizar o jogo, e em menos de quatro meses todos os colégios estavam jogando com as mesmas regras, o que fez com que o jogo se disseminasse ainda mais. Virou febre! Os meninos jogavam onde fosse possível, no banheiro, no pátio, durante as aulas e muitas vezes o término da corrida acabava em discussão, porque quem chega por último leva o prêmio de Morfético até vencer quem ganhou dele e isso incluindo as meninas que correm. Assim, um colégio proibiu o jogo e os outros foram adotando a mesma regra. O resultado foi que com a proibição ficou mais interessante ainda correr, porque só ouvíamos boatos de quem eram os melhores das salas e colégios. Sempre umas duas ou três vezes por ano as professoras nos deixam fazer o CCC oficialmente, assim nós sabemos quem é o melhor corredor e quem é o morfético do colégio.

— Realmente isso deve mexer com todos.

Todos os alunos já estavam na sala treinando e testando suas canetas para o CCC, todas as salas participariam do campeonato. O sinal já tinha sido dado, mas JJ não notara, ele se deu conta que tinha acabado o intervalo somente quando a professora Tereza Maria entrou na sala dizendo alto:

— Silêncio, silêncio. Eu não concordo com esse jogo, mas a Diretora permitiu devido ao término das avaliações, mas mesmo assim eu quero ordem!

Ninguém da sala entendeu por que a professora Tereza Maria tinha entrado na sala, já que a aula seria de Português. Cristiane então se levantou, encarou a professora e lançou a pergunta.

— Professora... – começou ela sarcasticamente. – Não temos aula com a senhora agora, nossa aula agora é com a professora Noedi! – disse ela firmemente.

A metade da sala segurou a risada, fazendo que as veias saltassem de seus rostos. A professora olhou para todos e calmamente puxou sua cadeira, sentou-se e disse:

— Sente-se, Cristiane. Para informação de todos, estou aqui para fazer duas coisas! Primeiro! – disse ela levantando seu dedo indicador. – Vim avisar que a professora Noedi teve que sair do colégio para resolver assuntos particulares. Segundo! – disse ela levantando o segundo dedo e falando agora rispidamente. – Ficarei com vocês até o término da aula de hoje.

Todos da sala ficaram boquiabertos, não acreditavam que durante o CCC a pior professora do colégio cuidaria da sala.

— Cristiane? – chamou a professora. - Ainda não corrigi sua prova, mas terei um imenso prazer em corrigi-la!

Cristiane sabia que sua prova seria avaliada detalhe por detalhe, o que ninguém desejava, nem mesmo Dimas, que foi logo chamado pela professora Tereza Maria.

— Dimas, levante-se e explique aos seus colegas como será o CCC.

Dimas se levantou e disse:

— O CCC acontecerá hoje e amanhã. Hoje serão as eliminatórias e amanhã as finais para vermos quem será o campeão e o morf...

— Aarrmm – pigarreou a professora, interrompendo.

— Último lugar. – corrigiu rapidamente Dimas. – Serão ao todo três pistas. Uma para as eliminatórias de hoje, uma para as semifinais de amanhã, e uma para a grande final. Os traçados foram desenhados pela professora de Educação Artística do Primário, respeitando as regras. As pistas estão sendo mimeografadas para a competição. Teremos que definir nosso representante da sala e será apenas um por sala. Todas as corridas da competição serão de eliminação, se em algum momento for necessário desempatar ou ter algum critério para eliminar

alguém será por número de piparotes, quem tiver o maior número de piparotes para completar o circuito estará fora.

— Obrigada, Dimas, pode voltar ao seu lugar. – disse a professora. – Agora, em silêncio, quem for participar deverá escrever seu nome em um papel, e passar para frente, eu recolherei para sortearmos os competidores.

Enquanto os que participariam estavam escrevendo seus nomes, a Dona Leila, faxineira do colégio, entrou na sala com um saco plástico cheio de folhas que todos logo reconheceram, eram as pistas. Ela deixou o saco em cima da mesa da professora e disse:

— Boa sorte a todos! – e saiu da sala.

— Durante as eliminatórias não quero barulho nenhum! – disse a professora Tereza Maria rispidamente. Ela sorteou os alunos e começou a escrever os nomes dos competidores no quadro. Sons de palmas podiam ser escutados vindos de alguma outra sala e alguns segundos depois um longo AAAAHH foi ouvido. Todos os alunos da 8^aB olharam para cima como se por ali pudessem enxergar de qual das salas vinha o som.

— Pronto, já estão divididos os competidores. A primeira dupla pode vir até minha mesa com suas canetas, a segunda dupla poderá acompanhar a corrida, os outros fiquem sentados em silêncio.

Beatriz, a paty da sala perguntou.

— Professora, eu não coloquei meu nome para competir, o que eu faço?

— Sente-se do meu lado e vamos assistir. – disse a professora. O silêncio havia tomado conta da sala, sons de torcidas gritando, palmas, gritos de incentivo, cantos animados começaram a surgir por todas as janelas. A corrida havia começado em todas as turmas, o que deixou a 8^aB com raiva da professora.

JJ chegou à semifinal e ganhou a corrida contra Wagner, mas a sala estava atenta e ansiosa com a corrida que estava acontecendo, pois ninguém imaginava que Tâmara, a novata do colégio que estava aprendendo as regras do jogo minutos antes, chegaria na semifinal com Ulisses sendo seu adversário. Todos sabiam que Ulisses era um dos melhores do colégio em corrida de caneta. Com a torcida contida pelas ordens da professora todos olhavam para a mesa, analisando as bocas e caretas que Ulisses fazia. A agonia estava aumentando quando JJ levanta seu braço para o alto, cerra suas mãos, puxa o braço junto ao corpo e, sussurrando, diz:

— YEEESSSSSS.

— Contenha-se, JJ! - diz a professora. - A vencedora da última semifinal é a Srta. Tâmara.

Um grande sussurro começou na classe, não durando trinta segundos, pois a professora Tereza Maria levantou e gritou:

— SILÊNCIO, TODOS VOCÊS!

— Parabéns, Tâmara, estou surpreso. - sussurrou JJ para Tâmara que apenas sorriu para ele, então a professora disse:

— JJ e Tâmara comecem.

JJ pegou sua caneta de cor azul e colocou sobre a mesa.

— Par!

— Ímpar! - respondeu Tâmara.

Os dois levaram suas mãos ao centro da mesa, mas antes de alguém dizer alguma palavra a diretora Elvina entrou na sala seguida pelas professoras Fátima e Suzana, e foi dizendo:

— Bom dia, 8^aB, vejo que vocês estão se comportando muito bem hoje, espero que se comportem amanhã nas finais também.

JJ sentiu um friozinho na barriga quando viu as professoras Fátima e Suzana, pois se elas estavam juntas na sala a essa altura é por um único motivo, a viagem, que até aquele momento ele havia esquecido.

— Deixarei as honras para a professora Fátima. – disse a diretora.

— Oi, pessoal, vimos trazer os resultados da prova de ontem e o nome do ganhador da viagem para o Hotel Fazenda Ibiçá. – disse a professora, sorridente. – Mas antes queria fazer algumas perguntas. Juliana você queria dizer algo para nós?

— Sim, professora, eu não poderei concorrer à viagem, minha família vai visitar minha irmãzinha que está grávida. Meu sobrinho poderá nascer nas próximas semanas.

— Então, vamos tirar seu nome da lista de concorrentes. – Ulisses nessa hora soltou uma pequena risada no ouvido de JJ, que o olhou devorando com os olhos e então abaixou a cabeça.

— Antes de entregarmos as provas, queria dizer uma coisa. O ganhador da viagem pertence à 8ªB.

A sala ficou agitada com a informação, agora todos estavam mais ansiosos ainda. Ulisses estava com um grande sorriso no rosto que parecia que daria a volta sobre sua cabeça. Então a professora Suzana começou a distribuir as provas corrigidas. Quando JJ pegou sua prova olhou e não acreditou no que viu, um grande número 94 estava escrito em caneta vermelha, mas suas esperanças de ganhar ainda estavam baixas, pois se ele tirou isso, Ulisses teria ido melhor. Quando a professora Suzana terminou de distribuir as provas, Ulisses questionou:

— Professora, e a minha prova?

— Está aqui comigo. – disse professora Fátima. – Antes de entregá-la, você gostaria de compartilhar algo sobre sua

nota para com seus colegas de classe? – perguntando sorridente.

Ulisses abriu um grande sorriso e precipitadamente disse:

— Estudem sempre, meus amigos, assim vocês sempre ganharão como eu.

— Me diga onde se sentou ontem na hora da prova? – perguntou a professora.

— Estava sentado ali, professora! – disse apontando para a carteira onde fez a prova.

A professora então tirou uma folha e começou a olhar, procurando algo escrito, ela tinha marcado os lugares de cada um.

— Você sentou atrás da Juliana! – afirmou a professora, mas rapidamente Ulisses disse:

— Não me lembro direito quem estava na minha frente, professora, fiquei muito concentrado que nem reparei.

— Tudo bem, toma sua prova.

Quando Ulisses pegou sua prova seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu e ele olhando sem acreditar disse desconsolado em um tom baixo:

— Trinta e três?

JJ não entendeu, olhou de soslaio na prova de Ulisses e viu com seus próprios olhos o grande 33 escrito em vermelho e começou a falar sozinho, bem baixinho:

— Como ele tirou essa nota? Ele colou as respostas da Juliana, só se... claro, só podia dar nisso – JJ começou a rir sem parar.

— Alguma piada que nós perdemos, JJ? – perguntou a professora Tereza Maria.

— Não, professora, desculpe. – e parando de rir ele pensou. - É claro que a nota dele seria assim, Juliana começa a responder as provas pelo final, Ulisses anotou tudo ao contrário.

—JJ!

Ouvindo seu nome, JJ voltou sua atenção novamente para a sala e para as professoras. Dimas agora o abraçava e o parabenizava e quase toda a sala estava batendo palmas, ele olhou para a professora Fátima e perguntou:

— Eu ganhei? Fui eu?

— Sim, JJ, você tirou a maior nota entre as oitavas, você ganhou a viagem!

— Ganhei?? Ganhei!! GANHEEEI!! – JJ levantou seu braço, cerrou sua mão, puxou-o velozmente de volta ao corpo e gritou:

— YEEEEEEEESSSSSSSS, GANHEI, GANHEI!!! Vou para a Fazenda!! – correu abraçou a professora Fátima e saiu correndo pelo corredor do colégio gritando de alegria.

— GANHEI, GANHEI, GANHEI.

A professora Tereza Maria chamou Tâmara e disse:

— Vá buscar de volta o JJ, pois ainda temos que terminar a final da corrida.

Tâmara saiu correndo pela porta e foi atrás de JJ. Alguns minutos depois, Tâmara e JJ, que agora estava ofegante de tanto correr e gritar, entraram na sala.

— Parabéns, JJ! - disse a diretora Elvina. - Depois que terminarem as corridas venha até minha sala para que possa lhe entregar a autorização para que seus pais assinem. Podem continuar as eliminatórias. – e foi saindo para o corredor.

— Parabéns! – disse a professora Suzana seguindo a diretora.

— Parabéns, JJ! – disse também a professora Fátima, juntando-se à professora Suzana e à diretora Elvina.

— Continuemos então! – exclamou a professora Maria Tereza. – Todos nos seus lugares e silêncio. Vamos, meninos, par ou ímpar novamente.

JJ não estava pensando mais em corrida, ele queria saber era da viagem, mas Dimas chamou sua atenção:

— JJ, se concentre na corrida. A corrida!! Pense na corrida.

JJ olhou para a sala e entendeu a preocupação de Dimas, se ele perdesse quem iria representar a sala nas finais seria Tãmara que minutos atrás tinha acabado de aprender como se corria de caneta.

— Par!

— Ímpar. – respondeu JJ.

Os dois levaram suas mãos ao centro da mesa e rapidamente a professora Tereza Maria disse:

— Oito! Tãmara, você começa!

Tãmara se posiciona e em seguida pressiona sua caneta verde, o piparote foi muito bom, o risco chegou quase no final da primeira reta. JJ pegou sua caneta de ferro, colocou sobre a linha de largada e deu seu piparote, o risco chegou bem ao lado do risco de Tãmara, que já pegou sua caneta e deu um piparote reto que por pouco não termina a primeira curva. JJ preparou-se para outro piparote e atirou bem no meio da curva, marcando seu ponto em cima do traçado da pista. Tãmara dá seu piparote, mas ele saiu curto, apenas terminando a curva. JJ pressiona sua caneta fortemente e inclina apenas um pouco, seu piparote vai reto, passando por cima da zebra e parando somente poucos milímetros do final da pequena reta, ultrapassando Tãmara, que imediatamente deu seu piparote, agora de médio alcance. JJ tinha neste momento um S sem zebra a sua frente. Ele pensou um pouco, posicionou sua ca-

neta, pressionou-a levemente, girando um pouco seu dedo. A caneta escorregou de maneira macia e o risco fez uma pequena curva, deixando-o em uma posição muito boa para o próximo piparote. Era a vez de Tâmara. Tentando fazer o S acabou com um risco reto fazendo seu ponto ficar sobre o traçado. JJ nota que ela não sabe fazer curvas e ganhando vantagem sobre Tâmara deu outro piparote reto e longo, e ela tentou terminar a primeira curva do S. JJ, com um piparote curto avançou pouco; Tâmara agora dá seu piparote, parando no traçado da pista. JJ, com vantagem, deu seu piparote curto, mas reto, fazendo a curva sem passar pela zebra. Tâmara agora está livre do S e deu seu piparote em linha reta, sem bater no traçado da pista, terminando bem no meio da próxima curva. JJ, que estava mais à frente, pressionou sua caneta que atravessou a reta que começara e parou no meio da curva. Tâmara deu um piparote que fez um grande risco, parando no traçado da outra curva. JJ deu seu piparote, mas o risco parou no meio, ele não entendeu o que houve e Tâmara sem perder tempo deu seu piparote atravessando a reta e chegando à curva que JJ acabara de passar. Como havia uma curva em L a sua frente, JJ mirou para que seu piparote não encostasse no canto da curva, e assim conseguiu, parando em cima da zebra do outro lado. Tâmara deu mais um piparote longo, parando no meio do L. Dimas olhou espantado a façanha de Tâmara e não suportando mais comentou:

— Eles estão completamente empatados, faltando apenas a grande curva para entrar na reta final. Agora é a vez de JJ, que deu um piparote reto avançando um pouco. – ouvindo isso, todos que estavam sonolentos pela monotonia levantaram as cabeças ansiosos e os que já estavam ansiosos ficaram mais ainda. A professora Tereza Maria não se manifestou com a participação de Dimas, que agora pressionava mais ainda os corredores com sua narração. – Tâmara dá seu piparote e OUTRO PIPAROTE LONGO. Não acredito!! Tâmara está lado a lado com JJ na grande curva, JJ dá seu piparote e consegue avançar até

a metade da curva, Tâmara se prepara e chega ao lado de JJ, que agora está preocupado com a aproximação de Tâmara.

— Não tô não! – afirma JJ.

— Quem narra sou eu, você corre!! Agora é a vez de JJ que dá mais um piparote e se aproxima do final da curva, Tâmara pressiona sua caneta e passa JJ por alguns milímetros, EMOCIONAAANTE CORRIDA. É a vez de JJ, ele respira fundo, posiciona sua caneta, pressiona e faz a curva entrando na reta final. Tâmara, a corredora novata, dá seu piparote que chega próximo ao de JJ. O final está próximo, meus colegas, com um pouco de sorte pode ser a última jogada de JJ. Ele pressiona sua caneta e ...um piparote curto... um piparote curto! – JJ não entende novamente o que houve, sua caneta nunca falhara duas vezes na mesma corrida. - Agora é a vez de Tâmara, que está longe da chegada, ela pressiona a caneta e ... – Dimas se silencia, JJ abriu sua boca, a sala inteira se levanta, ansiosa, e um grito alto e agudo é escutado.

— GAANNHHEEEEEEEIIIIIII!!! AAAAAA!!! GANHEI!!! – era Tâmara, não se contendo de alegria. Juliana se levanta e abraça Tâmara; Cristiane, que não era de muitas amizades, correu pela sala e a abraçou também. Metade da sala estava atônita com o resultado e a outra resmungando, dizendo que a 8ªB ficaria por último no campeonato.

— Todos estão liberados! Até amanhã. – disse a professora.

JJ estendeu sua mão para Tâmara, parabenizou-a e foi saindo quando ouviu:

— MORFÉTICO, MORFÉTICO!! - Ulisses estava gritando para ele.

— Cale-se, Ulisses, você também perdeu dela! – gritou Juliana ainda mais alto. JJ, fingindo que não o ouviu, pegou suas coisas e foi embora para casa, agora só tinha pensamentos para a viagem.

Chegando a sua casa, JJ abriu os portões apressadamente, Urso já estava correndo em sua direção, latindo.

— Oi, Urso! – disse JJ abraçando seu cachorro. – Mãe, mãeee, eu ganhei, ganhei a viagem.

Dona Regina saiu pela porta da cozinha e abraçou seu filho:

— Parabéns, meu filho, você conseguiu!!

— Tirei a nota mais alta de todas as oitavas, 94.

— Venha, me conte tudo, filho. – então os dois entraram e ele contou tudo a sua mãe.

No dia seguinte, JJ acordou atrasado. Ele e sua mãe foram ao colégio conversar com a Diretora para ver os detalhes sobre a viagem. Chegando ao portão, JJ começou a ouvir o som da torcida, as finais já haviam iniciado. Quando eles entraram no pátio, todos os alunos estavam se contorcendo para tentar enxergar a corrida, a maioria dos professores estava em volta dos alunos para tentar conter tanta pressão.

— Olá, JJ!

— Oi, Diretora!

— Olá, dona Regina! Parabéns pelo filho!

— Obrigada, Diretora! Fiquei contente por ele, mas ele não soube explicar muito sobre a viagem, por isso vim até aqui.

— Ele também se esqueceu de passar ontem na minha sala antes de ir embora, mas vamos até lá que explicarei tudo.

Eles entraram na secretaria e foram para a sala da Diretora. JJ não costumava ir lá, só teve o desprazer de entrar quando teve uma discussão acalorada com Ulisses. As paredes da sala eram brancas, com uma delas na cor verde-garrafa; existia uma mesa de madeira grande que parecia antiga e tinha um vidro transparente em cima, as cadeiras eram de ferro, com assento e encosto almofadados, também na cor verde-gar-

rafa. No canto direito, existia um sofá de curvin verde e ao lado uma mesinha com duas garrafas térmicas; ao fundo da sala, um grande armário de aço e, nas paredes, pinturas de mapas do mundo inteiro. Nas janelas, vidros escuros e na parede do lado da porta, um grande desenho do 14bis, o primeiro avião do mundo com seu criador completavam a decoração.

— Sente-se no sofá, é mais confortável. – disse a Diretora.

— Obrigada, Diretora. Gostaria de saber exatamente que viagem é essa que JJ ganhou do colégio, ele nos contou em casa, mas não sabia de detalhes.

— Pelo visto JJ não esperava ganhar!! – JJ só balançou a cabeça concordando. – Sra. Regina, um empresário de coração bondoso aqui de nossa cidade deu ao nosso colégio uma viagem de vinte dias para conhecer a Fazenda Ibiacá, que fica no centro do Brasil, para que sorteássemos entre nossos alunos de 8ª série. Em reunião com os professores, decidimos dar ao aluno que tirasse a maior nota nas provas de História e Geografia e JJ conseguiu a maior nota. – disse sorrindo a Diretora. – A viagem será em ônibus leito. Esse ônibus foi fretado exclusivamente para isso e além de JJ irão também alunos de outros colégios particulares e um aluno do colégio Filermino Severo, que também ganhou a passagem. O pacote inclui tudo: estadia, café, almoço, jantar e na parte da tarde terá um lanchinho todos os dias. Haverá dois monitores no ônibus durante a viagem e lá no Hotel existem ainda equipes de recreação, tendo futebol, minigolf, cavalos, piscinas, tobogãs, piscina de lama, além dos passeios ecológicos pelas Matas da Fazenda e outras diversões para eles. Lá eles terão passeios pela região para conhecer o Cerrado e outras programações.

— Quanta coisa, hem filho? – disse sua mãe, sorrindo. – E de onde sairá o ônibus?

— JJ deverá estar na rodoviária no domingo, dia 01 de dezembro, às 21 horas e 30 minutos com suas malas. O ônibus

sairá às 22 horas, no portão H, plataforma 89. Pegue este roteiro e estas informações adicionais, como documentos, identificação de mala e outras coisas. Alguma dúvida?

— Não. Acho que com tudo isso podemos ir. – diz Dona Regina, e levantando-se se dirigiu à porta. JJ, à frente, foi saindo rapidamente, pois estava ouvindo muitas palmas e gritos, parecia que havia terminado o CCC. Em um andar quase que correndo, JJ esqueceu-se do pequeno degrau que existia na porta da secretaria e caiu de joelhos do lado de fora. Tudo ficou em silêncio, ele sabia que o silêncio era para ele. Então, levantando os olhos ele vê toda a sua classe, parada diante dele, com Tâmara erguida nos ombros da turma segurando nas mãos uma medalha dourada.

— JJ, não precisa se ajoelhar para a campeã passar! – disse Cristiane, e todos riram e continuaram a comemoração, passeando com Tâmara por todo o Colégio e cantando. Sua mãe olhou para ele sem entender e perguntou:

— Tudo bem, filho?

— Tudo, mãe. Posso ficar mais um pouco?

— Sim, te vejo em casa.

JJ saiu correndo para se juntar aos amigos na comemoração, então encontrou Dimas e perguntou:

— Dimas, como foi a final?

— JJ, foi muito boa. Por causa da bagunça e como todos queriam acompanhar a corrida, o professor Cláudio me deixou narrar a corrida final. E na última reta, assim como aconteceu com você, a Tâmara deu um piparote tão longo, ultrapassando Diniz da 6^aB e o Julio da 8^aA, ninguém acreditou. Depois disso, só alegria.

— Nossa, pra quem não sabia nada sobre corrida de caneta ganhar o CCC!... PARABÊNS, TÂMARA!!! – gritou JJ, ela olhou de cima para ele e sorriu. – Dimas, meu amigo, um

grande abraço pra você, se não nos virmos mais, até o ano que vem. – e foi saindo para o portão do colégio indo para casa.

JJ, já em sua casa, estava brincando com Urso no quarto quando seu Pai entrou:

— Filhão, parabéns, sua mãe me contou, você vai para a Fazenda Ibiacá. Pode arrumar sua mala, assim, já vemos se precisa comprar algo, pois temos que providenciar até a data da viagem.

— Pai!

— Oi, Filho!

— Obrigado por ter me ensinado a não ser peru de Natal. Valeu!

“O livro explora um tema e um gênero de boa penetração no público infanto-juvenil, como leitura paradidática, de poucas obras boas no mercado. Ressalto também as dimensões ecológicas, folclóricas e humanas do tema, sem me esquecer do lazer, da linguagem e dos valores diversos que obras assim proporcionam.”

Joaquim Luís de Almeida

Graduado em Filosofia, Teologia e Pedagogia, autor, leitor crítico e corretor ortográfico de livros.

“*Os Guarínis e a Rosa dos Ventos*, de J. C. M. Oliveira Jr., é dessas obras que estão fazendo falta em nossas estantes. E me explico: grande parte da literatura dita juvenil que produziu verdadeiro *boom* no mercado editorial brasileiro nos últimos anos está voltada para problemas essencialmente urbanos, ou seja, versa sobre um mundo em que a grande aventura se resume à busca do próprio eu do leitor. Mas ser jovem, ou melhor, ser adolescente não é só descobrir o próprio mundo individual, mas também o mundo diferente, o mundo não urbano que se descortina além dos limites das cidades. Afinal, as aventuras de Marco Polo, Robinson Crusóé, Tarzan e Indiana Jones jamais se limitaram ao perímetro urbano, e talvez por isso mesmo ainda hoje exerçam tanto fascínio entre todas as faixas etárias.

Com esta obra, crianças a partir de 10 anos e adolescentes poderão realmente mergulhar no mato, com seus bichos, suas plantas e seus mistérios, e com eles aprender a entender aquele mundo, num lento e seguro processo que os levará a entender como este planeta se governa e, assim, disso tirar lições para a vida de cada um, pois só crescemos quando descobrimos que não somos o centro do mundo, mas sim uma pequena parte dele, a quem cabem algumas responsabilidades e deveres.

Após a leitura de *Os Guarínis e a Rosa dos Ventos*, tenho certeza, crianças e adolescentes descobrirão esta verdade imprescindível ao seu crescimento interior: ninguém de nós veio a este mundo a passeio, pois cabe a cada um de nós não só preservá-lo, mas melhorá-lo para nós e nossos descendentes.”

José Milanez

Especialista em Literatura Brasileira, educador com mais de 40 anos de experiência, autor de obras didáticas e coordenador pedagógico do Sistema Maxi de Ensino.

ISBN 978-85-910837-0-1



9 788591 083701

www.osguarinis.com.br